



# NÔ PINTCHA

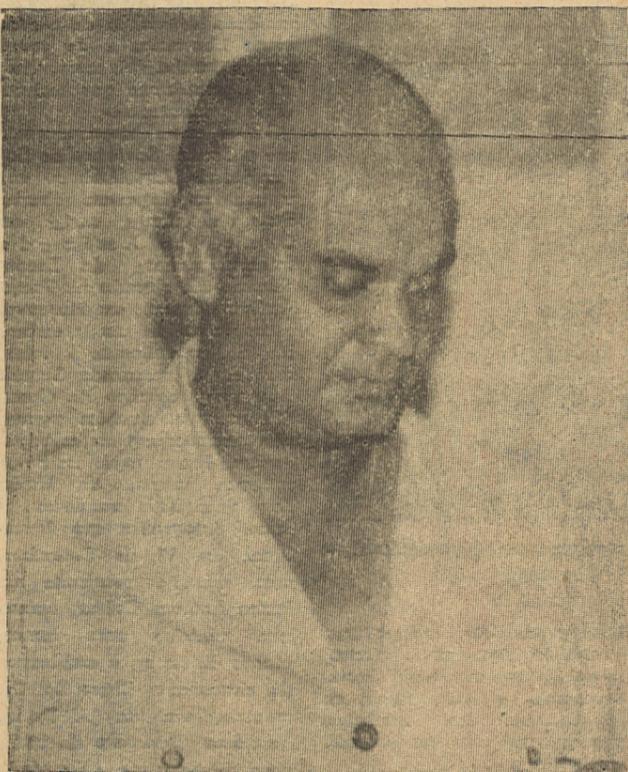
\* ÓRGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E TURISMO \*

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE EMPRENSA

TELEFONE: 3713/3726/3728

B I S S A U

## DELEGAÇÃO DO P.A.I.G.C. NO CONGRESSO DO PARTIDO SOCIALISTA PORTUGUÊS



O camarada José Araújo, do Comité Executivo da Luta e Secretário da Organização do Partido viajou ontem para Portugal. Vai representar o PAIGC no Segundo Congresso do Partido Socialista Português, que se inicia hoje e vai até 1 de Novembro. O camarada Araújo será acompanhado pelos camaradas José Tomás Veiga, da Comissão Nacional do PAIGC em Cabo Verde e Júlio Semedo, embaixador da Guiné-Bissau em Portugal.

O Secretário da Organização do Partido pretende manter contacto com outras forças democráticas portuguesas e da Europa e organizações de massa, além de estudantes guineenses e caboverdianos, em Lisboa, durante o período que permanecer lá.

«As nossas relações com o Partido Socialista não são de hoje. Talvez os camaradas se lembrem que o PS foi uma das primeiras organizações do mundo inteiro que enviou telegrama de reconhecimento da nossa independência, na sua proclamação no Boé. É um partido democrático, daqueles de-

mocratas portugueses que nos apoiaram muito, moral e politicamente na nossa luta de libertação contra o colonialismo».

«O Congresso representa mais do que simples contactos que vamos manter com o Partido Socialista e com outras forças democráticas portuguesas. É um acontecimento importante na vida política do PS e também um ponto de encontro das forças democráticas de vários países do mundo, em particular, da Europa, com quem aproveitaremos para fazer determinados contactos».

ESTADOS UNIDOS:

AS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS  
OU O SILÊNCIO DE MILHÕES

(Pág. 7)

## Conferência de Genebra

### Nacionalistas do Zimbabwé exigem data de independência

Os dirigentes nacionalistas do Zimbabwé pediram na Conferência de Genebra que seja fixada uma data para a independência do país, num prazo máximo de 12 meses.

«O ponto de partida não pode ser a criação dum governo interino, mas a fixação da data da nossa independência», declarou na sessão de ontem da conferência Robert Mugabe, falando em nome da «Frente Patriótica do Zimbabwé», constituída por ele e por Josua Nkomo, igualmente presente.

«A etapa seguinte deve ser, logicamente, a constituição de um governo interino e a elaboração de um mecanismo eficaz que conduzirá à independência», acrescentou Mugabe, garantindo que a luta armada no Zimbabwé continuará, caso não seja alcançado nenhum resultado satisfatório em Genebra.

A conferência começou na quinta-feira e as delegações dos nacionalistas expulsaram ontem os seus pontos de vistas. Presentes também o racista Ian Smith, o representante do governo britânico e observadores da O.U.A., dos países da «linha da frente» e da Comunidade Britânica.

Na sua intervenção, um dirigente nacionalista, Abel Muzorewa, rejeitou também o famigerado «plano Kissinger» para o Zimbabwé, pediu a realização de eleições no país («um homem, um voto»), denunciou as torturas e crimes brutais dos racistas de Salisbury, revelou a existência de campos de concentrações e exigiu a libertação e amnistia imediata dos presos políticos, o fim dos processos políticos e a abolição da pena de morte, a liberdade de actividades políticas e de imprensa e a cessação do estado de urgência. «Em resumo, disse, pedimos a suspensão imediata da actual constituição racista e opressiva». (PÁG. 7)

## M.P.L.A. CONFIRMA OPÇÃO SOCIALISTA

Tal como o PAIGC e a FRELIMO, o MPLA realizará o seu Congresso em 1977. O plenário do Comité Central do MPLA, reunido em Luanda, confirmou a opção socialista da República Popular de Angola. Foi anunciada uma reestruturação no Governo.

LUANDA (AFP) — A opção marxista-leninista da República Popular de Angola foi resolutamente afirmada pelo plenário do Comité Central do MPLA que, reunido desde sábado passado, terminou ontem à noite os seus trabalhos.

Em dois textos intitulados «Programa de Acção» e «Resolução Geral», o plenário do Comité Central afirma que «o único caminho permitindo a instalação da democracia popular é o socialismo científico de Marx, Engels e Lenine».

Por seu lado, a «Resolução Geral» indica

que o Governo da República Popular de Angola será reestruturado. As funções de chefe do governo, até agora atribuídas ao primeiro-ministro, serão assumidas pelo Presidente da República.

A Resolução precisa igualmente que dois ministérios — da Informação e do Interior — serão suprimidos e que um Congresso do MPLA reunir-se-á no decorrer do terceiro trimestre de 1977. Este Congresso deverá, nomeadamente, criar um «partido de vanguarda da classe operária».

## “NO PINTCHA” EM CUBA COM O PRESIDENTE (1)



Numa série de reportagens que «Nô Pintcha» começa hoje a publicar, são focados pelo nosso enviado alguns dos aspectos mais importantes da recente visita do Presidente Luiz Cabral a Cuba socialista.

UM MILHAO  
DE CUBANOS  
NA PRAÇA DA  
REVOLUÇÃO

(Págs. 4, 5 e 6)

**O mau cheiro dos camarões**

«Camarada Director,

Se lhe escrevo agora, — coisa que nunca fiz apesar de todas as coisas que devem ser denunciadas — é porque tenho assistido a verdadeiros escândalos nesta nossa pequena capital.

No entanto urge que alguma decisão seja tomada. Não são poucas as cartas que têm aparecido no nosso Jornal denunciando falcatruas, vícios, cunhas... Escrever e publicar a carta só já não basta. É preciso algo mais.

Sou, também como uma leitora que uma vez escreveu para aí, uma dessas pessoas que é «obrigada» a comer. A falta de géneros é tanta que muitas vezes vejo-me forçada a comer em restaurantes. E é aí que as coisas começam (ou continuam?)...

Para além do tempo que temos de esperar — ou porque os empregados não querem ter trabalho, ou porque aparece o senhor Fulano de Tal, e da má vontade para com o cliente desconhecido, corremos o grande risco de intoxicações.

Fui a um restaurante de Bissau e serviram-me camarão frito. O empregado vinha ainda a metros de distância já o mau cheiro nos atingia. O camarão desfazia-se com uma facilidade tremenda e nossa saúde foi posta em perigo.

Mandámos o comida para trás e a dona do estabelecimento não se dignou sequer a dar qualquer explicação. O que era de esperar, porque dias antes, no mesmo restaurante, algo semelhante acontecera a colegas meus: a carne que lhes foi servida estava podre e a dona desculpou-se dizendo que nem todos os clientes reparavam...

Perante isto, que fazer?

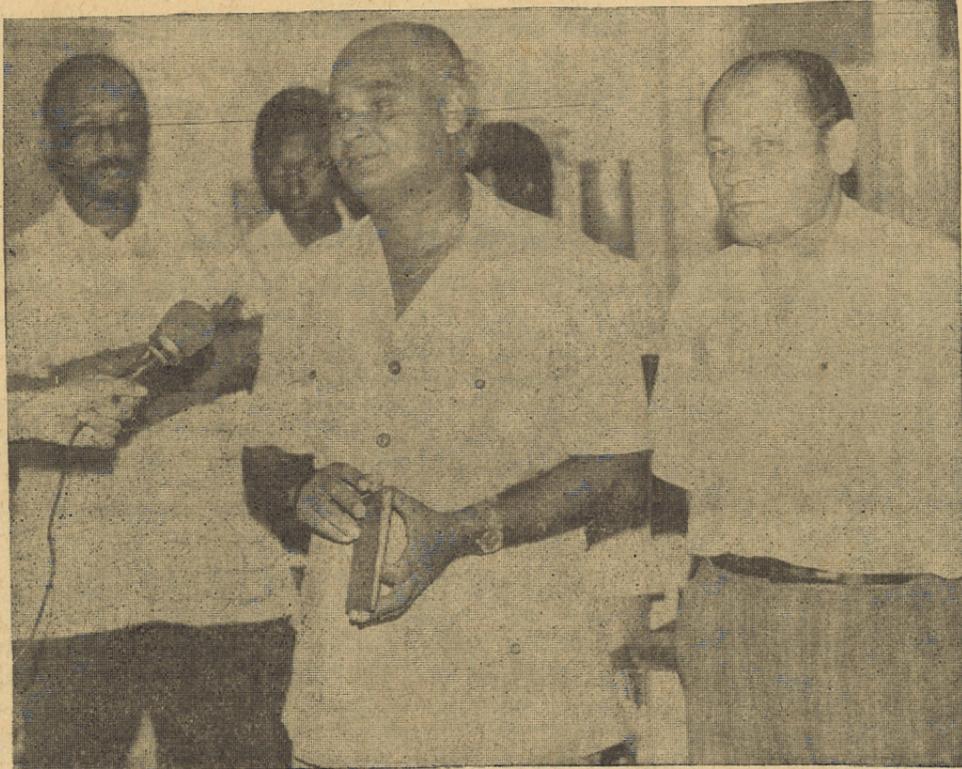
Acho que nada mais é necessário para que essas casas sejam encerradas e os responsáveis por estes atentados contra a saúde pública sejam punidos.

Que mais é necessário para que se inicie uma dura fiscalização? Falta de pessoal? Não se pode recrutar elementos da JAAC? Da Comissão Feminina? Se nos formos lamentando sempre pela falta de pessoal, nunca mais o arranjamemos porque, entretanto, metade da população já terá morrido por causa deste género...»

ZITA

**Fotografias da luta de libertação para o Museu Nacional: uma contribuição soviética**

Realizou-se quarta-feira no fim da tarde, uma pequena cerimónia da entrega de fotografias da nossa luta de libertação nacional, feitas pelo camarada Oleg Ignatjev, comentador internacional do Jornal «Pravda». As fotos foram uma contribuição do Comité Soviético de Solidariedade Afro-Asiático para o museu da luta de libertação nacional. A cerimónia que se realizou na sede do Secretariado-Geral do Partido, encontravam-se presentes os camaradas José Araújo, do CEL do Partido e Secretário da Organização do PAIGC, Paulo Correia, Presidente do Comité da região de Bissau, Chico Bá, Secretário-Geral da JAAC, Tiago Aleluia Lopes, responsáveis pela organização do Partido na Região de Bissau, Juvêncio Gomes, Presidente da Câmara Municipal de Bissau e Joseph Turpin, Secretário-Geral dos Negócios Estrangeiros. Do lado soviético, além do camarada Oleg Ignatjev, estiveram o embaixador da JRSS camarada Semenov e Spartak Tsissanov, membro do Comité Soviético de solidariedade Afró-Asiático.



Setenta fotografias sobre a luta armada de libertação foram entregues pelos soviéticos ao PAIGC, para o Museu da Luta de Libertação Nacional

Após a leitura de uma carta do Presidente do Comité de Solidariedade, endereçada ao nosso Partido, desejando os maiores êxitos na luta de reconstrução nacional no país, o camarada José Araújo fez uma saudação especial: «O camarada Oleg é um velho conhecido não só dos dirigentes do nosso Partido

mas, também do nosso povo, com quem ele pôde contactar durante a nossa gloriosa luta de libertação nacional, durante as visitas que fez às frentes da luta armada, no norte, sul e leste da nossa terra. Lembro-me que o camarada Oleg foi um dos raros representantes da imprensa estrangeira que cometeu o

feito grande de fazer a travessia da frente norte à frente sul. Atravessou o Rio Geba, vencendo e enfrentando as dificuldades dos caminhos penosos de uma tal expedição».

Falou da amizade e solidariedade que sempre ligou os nossos Partidos, povos e Governos. E para terminar

disse: «Quero expressar a minha gratidão pela bela exposição de fotografias que os camaradas do Comité Soviético de solidariedade Afro-Asiático nos mandaram e que veio enriquecer o nosso Partido e mesmo o museu da nossa luta armada de libertação nacional com alguma documentação importantíssima da nossa luta. Entre as fotografias que aqui temos, vemos algumas figuras de camaradas nossos e valorosos combatentes da liberdade que hoje já não vivem. Temos Ti-tina Silá, Caetano Semedo, Fernando Cabral, Osvaldo Vieira e Pansau Na Isna cujas memórias lembramos com saudades. Sabemos que essa saudade é compartilhado conosco pelo camarada Oleg Ignatjev e por todos os camaradas que tiveram a oportunidade de visitar as nossas zonas libertadas e de apreciar as qualidades maravilhosas e patrióticas que tinham esses combatentes».

Pouco antes desta cerimónia o Comité Soviético de Solidariedade Afro-Asiático entregou ao Internato Frantz Fanon uma carta do Clube de Amizade Internacionalista da Escola Número 36, situada na Praça Amílcar Cabral, em Moscovo, como início de um intercâmbio de experiências e informações. O camarada Spartak Tsissanov, membro do Comité, entregou também pequenas lembranças às crianças daquele internato, feitos pelos próprios alunos da União Soviética. Uma bandeira do clube, fotografias que foram feitas em 19 de Setembro, num comício realizado na Praça Amílcar Cabral, caixas com modelos para armar, blocos de notas e emblemas. Os camaradas Chico Bá, Secretário-Geral da JAAC, Lilijca Boal, Directora do Instituto de Amizade e Laurindo Handen, Director do Internato em Bór, representaram o Partido e o Estado na cerimónia.

RESPONDE O POVO

**O que o leitor espera do seu jornal? (3)**

NÓ PINTCHA foi criado em Março de 1975, no fim de uma luta armada de libertação, no início de um processo de transformação social. Num momento em que o país procurava vencer a herança colonial, superar o atraso, lutar pela criação de uma sociedade nova. Objectivo: servir como veículo dinamizador, contribuir para o surgimento do homem novo, mobilizar, auxiliar na politização. Os objectivos não foram ainda alcançados. Fazem parte de uma luta que continuará durante vários anos, até que a velha estrutura social seja destruída e substituída. Até agora o único trisemanário que circula na Guiné-Bissau desempenhou uma função. Dois dirigentes do Partido analisam o trabalho de NÓ PINTCHA até agora. Falam de suas características, das falhas,

Victor Saúde Maria, Comissário dos Negócios Estrangeiros — «O facto de termos conseguido criar o NÓ PINTCHA constituiu uma grande vitória. Não só para o Partido, também para o nosso povo. Os camaradas jornalistas conseguiram particularmente, estou satis-

feito com NÓ PINTCHA, com o êxito que alcançou, mas sempre espero que melhore cada vez mais. Penso que é um dever de todos os militantes fazerem propostas, críticas construtivas, para ajudar a melhorar o jornal. Penso que as reportagens grandes têm a sua importância. É certo que há pessoas que enfrentam alguma dificuldade para as ler, mas considero que esse tipo de reportagem deve ser mantido, pela sua importância. Penso que a linguagem é bastante clara, o suficiente para os militantes perceberem o que o nosso Partido quer. Cabral dizia que devemos escrever claramente para todos os militantes compreenderem o que queremos, os nossos objectivos. Por isso é necessário reforçar o controle do

jornal antes que ele seja distribuído. Para evitar que um leitor possa deturpar o conteúdo de uma notícia devido a algumas falhas.»

Paulo Correia, Presidente do Comité de Estado da Região de Bissau — «Penso que o jornal não é apenas um órgão informativo, mas um instrumento que poderá servir para a educação e formação do homem novo. Não é propriamente uma crítica, mas penso que deveriam procurar fazer um esforço maior para recolher informações em outras regiões do nosso país. Há velhos militantes nossos, das antigas zonas libertadas, que fazem um trabalho importante no interior e a divulgação disso teria um papel fundamental no nosso

trabalho político. Para encorajar o trabalho que desenvolvem, para valorizar outras regiões. Sei, no entanto, que vocês fazem um grande esforço para manter o jornal. Tenho também algumas sugestões. Penso que poderiam procurar implantar-se entre os jovens, discutir os seus problemas, contribuir para que eles ampliem a sua formação política. Deveriam fazer, igualmente, entrevistas sobre questões de contrabandos que se têm verificado nos últimos tempos. Confirmar se as saídas ilegais de mercadorias do nosso país estão a diminuir. Acredito que o trabalho do jornal deve ser no sentido de facilitar a sua

compreensão por todas as pessoas. Considere a linguagem clara, mas não ignora crítica que certos camaradas fazem, quando não percebem a linguagem do NÓ PINTCHA. Acho bastante importante divulgar tudo o que acontece no nosso país, nas cidades, em Bissau, nos bairros. Todas as actividades que estão sendo desenvolvidas. Quando o jornal divulga certas iniciativas é sempre uma forma de estimular as pessoas que procuram desempenhar as suas funções correctamente. Vocês deveriam também fazer uma reportagem sobre o Bairro do Ilheu do Rei para sabermos que trabalho está sendo feito ali.»

## OS INCIDENTES NAS MINAS DA PANASQUEIRA

## Representante do Governo esteve em Portugal

Na sequência dos incidentes nas minas da Panasqueira, entre trabalhadores portugueses e caboverdianos, motivando a deslocação destes — cerca de 150 famílias — para um acampamento militar (Santa Margarida), longe, portanto, dos postos de trabalho, deslocou-se a Lisboa o director-geral dos Assuntos Políticos do Ministério dos Negócios Estrangeiros da República irmã de Cabo Verde, camarada Renato Cardoso, com o objectivo de discutir a situação emergente do conflito com os representantes do Governo português e apresentar propostas de solução.

No final das conversações, e antes do seu regresso ao país irmão, o camarada Renato Cardoso deu uma entrevista ao «Diário Popular»:

«Imediatamente após o incidente, e devido ao tratamento que lhe foi dado por vários jornais portugueses, a Embaixada de Cabo Verde em Lisboa começou a contactar as entidades oficiais portuguesas, nomeadamente o Ministério dos Negócios Estrangeiros. Mas em Cabo Verde, e precisamente porque achámos que o problema teria repercussões a nível de toda a comunidade caboverdiana — porque quando um incidente desse género ocorre não afecta unicamente a vida privada de pessoas directamente envolvidas mas também, conforme o tratamento que lhe for dado, poderá vir a ter repercussões sociais e políticas muito mais importantes — achámos que era de vir alguém colaborar com a Embaixada para estudar

a fundo a questão e propor forma de resolução imediata.»

Estas propostas tiveram acolhimento favorável por parte do Governo português?

«Da parte do Governo e, essencialmente, da parte do Ministério dos Negócios Estrangeiros português, existiu sempre uma demonstração de compreensão clara do problema e de certa boa vontade. Desde sempre se puseram à disposição da Embaixada e, depois, tivemos uma reunião conjunta, na qual as propostas por nós apresentadas tiveram realmente bom acolhimento. Defendemos a necessidade, aliás concordante com as declarações que o próprio Ministério tinha feito, de um tratamento desse caso em termos privados e de acordo com a lei portuguesa, porque os acordos por nós assinados dizem precisamente isso; foi mais uma vez garantido que os direitos laborais de todos esses caboverdianos seriam assegurados; e concluiu-se que era necessário fazer uma individualização dos casos, porque embora tenham sido considerados colectivamente, são muito diferentes entre si.»

Quanto à possibilidade de regresso dos trabalhadores às minas da Panasqueira, o camarada Renato Cardoso considerou que se tratava de uma questão muito difícil. Por outro lado, o repatriamento é impensável: nem poderia assim culpabilizar-se toda uma colectividade, quando apenas um ou outro elemento poderá eventualmente ser inculcado; em contrapartida há acordos que regulamentam a re-

patriação dos emigrantes caboverdianos.

Sobre a possível motivação racista que em alguns jornais foi apontada como causa dos incidentes, o camarada Renato Cardoso afirmou:

Racismo por racismo é talvez uma coisa difícil de encontrar. Mas a realidade é que, quando um emigrante chega para trabalhar encontra uma cultura diferente e toda uma série de medidas discriminatórias que existem realmente e sempre existiram em empresas. Em termos de actuação quotidiana surgem sempre pequenos desentendimentos; mas a organização de toda uma massa de trabalhadores para agredirem outros trabalhadores, seguindo o critério da nacionalidade e da cor terá sido uma atitude que objectivamente poderemos considerar bastante racista. Importa entender bem essa atitude e estudá-la para prevenir a repetição de casos como este; saber qual é a forma de actuação das empresas e dos grupos dos trabalhadores; quais os seus direitos e regalias; e quais as pequenas provocações e tensões que se registam para os evitar e desse modo não permitir que toda uma colectividade acabe por se permitir culpabilizar outros a partir de critérios de nação e de cor. E foi isto que aconteceu na Panasqueira.»

O fulcro da questão reside, porém, na influência que tais incidentes poderão ter sobre toda a comunidade caboverdiana em Portugal, agravando os preconceitos que a distinguem. O tratamento não científico dado por certa imprensa

ao problema acaba por cimentar junto da opinião pública portuguesa, um certo tipo de «verdades» e de preconceitos que dificultam a vida da comunidade caboverdiana. E, se a hipótese definitiva que se coloca ao Governo de Cabo Verde é a repatriação de todos os seus cidadãos, a verdade é que essa prática não é possível sem a criação de estruturas que permitam o regresso: até lá, importa estudar formas conjuntas que facilitem a inserção dos trabalhadores caboverdianos no sector laboral português: «A emigração é uma herança difícil e até à solução definitiva que nos propomos realizar importa derrubar as barreiras dos preconceitos que dificultam a vida dos nossos concidadãos em Portugal. Foram estudadas medidas de ordem geral, e propostas medidas de actuação concreta para o conseguir.»

Finalmente Renato Cardoso afirmou que seria desejável que as conversações se repetissem, tanto como acelerar a resolução do caso da Panasqueira, porque a permanência de trabalhadores num campo militar pode servir para o aumento de tensões.

Entretanto, o encarregado dos Negócios de Cabo Verde, camarada César Fernandes, que participou na entrevista, referiu-se também às conversações que tem mantido com representantes do Ministério dos Negócios Estrangeiros, afirmando que desde o início tinha sido informado do não-repatriamento dos trabalhadores caboverdianos, bem como assegurado sobre as suas garantias laborais.



AMÍLCAR CABRAL

## III. As leis Portuguesas de dominação colonial

## 4. O Direito de voto.

[...] «O que acaba aqui de ser dito, baseado na realidade política e jurídica do povo da Guiné «portuguesa» e nos textos da lei que regem a sua vida, mostra que a quase totalidade desse povo está privado do direito de voto.»

«A lei concede aparentemente aos africanos (indígenas, 99% da população total) o direito de voto unicamente para a escolha de algumas autoridades tradicionais. Aparentemente apenas, porque, como vimos, a sua investidura depende da aprovação das autoridades administrativas. Enquanto que estas podem destituir as autoridades tradicionais em qualquer momento, as populações autóctones não podem depôr os chefes investidos pela administração colonial nem reintegrar os que forem destituídos por essa mesma administração (cap. II, secção I do Estatuto dos Indígenas)»

«Para os não indígenas (cerca de 0.3% da população africana), o direito de voto é regulamentado pelas leis eleitorais portuguesas. Considerando as condições económicas e culturais exigidas pela lei, só uma ínfima minoria dos africanos não indígenas (menos de 0.1% da população total) participa efectivamente nos actos eleitorais preparados e realizados pelo Estado colonial-fascista na Guiné «portuguesa». É desnecessário dizer que só os africanos que garantirem a sua fidelidade ao regime poderão exercer o direito de voto.»

«Quanto ao resultado de tais eleições, para não citar casos ocorridos na própria metrópole e que são amplamente conhecidos da opinião mundial, basta recordar o seguinte facto como exemplo: no decurso das últimas eleições presidenciais, em várias localidades da Guiné «portuguesa» os eleitores protestaram (sem qualquer êxito, evidentemente) contra a vitória do candidato do regime, porque todos, incluindo os colonos, tinham votado no candidato da oposição.»

«Foi apenas no âmbito da luta de libertação nacional, por meio da sua organização interna — o PAIGC — que os africanos descobriram o mecanismo do voto. Aliando a prática da democracia moderna às tradições democráticas do povo, prepararam-se, em todas as camadas sociais, para assumir as responsabilidades que lhes competem na determinação do seu próprio destino.»

\* Relatório geral sobre a luta de libertação nacional apresentado na Conferência das Organizações realizada em Dakar de 12 a 14 de Julho de 1961. Nacionalistas da Guiné e das Ilhas de Cabo Verde.

## Cabo Verde no VII Coloquio Pedagógico Internacional

Vinda da RDA, regressou à cidade da Praia, a delegação que representou Cabo Verde no VII Coloquio Pedagógico Internacional, que, sob o patrocínio da UNESCO, decorreu em Berlim de 20 a 27 de Setembro, tendo nele participado mais de 40 países de África, Ásia e da América Latina.

Integraram a referida delegação o Director da Escola Industrial e Comercial do Mindelo, Francisco Lopes da Silva, e a directora da Escola de Habilitação de Profes-

scres de Posto Maria José de Sousa.

A delegação participou activamente nos trabalhos, tendo o professor Francisco Lopes da Silva, feito uma interven-

ção em que focou o panorama geral da Educação no país irmão e relatou as experiências que se vem ensaiando nesse campo a todos os níveis do ensino.

Por outro lado, concedeu uma entrevista ao jornal de maior circulação da RDA o «Berliner Zeitung» que dedicará uma página a Cabo Verde e aos seus problemas.

Após a sua chegada o director da Escola Industrial e Comercial do Mindelo declarou que este colóquio «consistiu num encontro de elementos ligados ao ensino de diversos países da África, Ásia e América Latina e teve como objectivo uma tomada de contactos com experiências realizadas por estes mesmos países no Campo da Educação».

# UM MILHAO DE CUBANOS NA PRAÇA DE REVOLUÇÃO PARA HOMENAGEAR OS 57 MORTOS DO AVIAO SABOTADO

Depois de uma visita oficial de oito dias a Cuba, a convite do Comité Central do Partido Comunista do Governo Revolucionário cubano, regressou à capital no princípio da tarde de sexta-feira da semana passada o camarada Luiz Cabral, Secretário-geral-Adjunto do PAIGC e Presidente do Conselho de Estado da República. O Presidente Luiz Cabral tinha deixado o país no dia doze do corrente mês, à frente de uma importante delegação do Partido e do Estado que incluía os camaradas do Comité Executivo de Luta os camaradas, João Bernardo Vieira (Nino), Comissário das Forças Armadas, e Presidente da Assembleia Nacional Popular José Araújo, secretário de Organização do Partido, Lúcio Soares, Chefe de Estado Maior Adjunto das FARP, Carmen Pereira, responsável da Comissão Feminina do PAIGC.

Também faziam parte da delegação os camaradas Manuel Saturnino, do Conselho Superior de Luta e Comissário dos Antigos Combatentes, Alberto Lima Gomes, Comissário de Estado das Obras Públicas, Urbanismo e Construções, Bakar Cassamá, do CSL e do Conselho de Estado, assim como representantes de diversos comissariados da CESNOP dos Negócios Estrangeiros da Saúde e Assuntos Sociais, da Educação Nacional e Cultura e da Agricultura e Pecuária.

À sua chegada ao aeroporto internacional José Martí, em Havana, capital de Cuba, o Presidente Luiz Cabral e sua comitiva foram calorosamente recebidos por Fidel Castro, Primeiro-Ministro e Secretário-geral do Comité Central do Partido Comunista Cubano, Raul Castro, Secretário-geral Adjunto do Comité Central do PC e Comandante das Forças Armadas Revolucionárias, Osvaldo Dorticós Torrado, Presidente da República e por demais dirigentes do Partido e Governo cubano. Antes, o Presidente fez escala em Cabo Verde-Ilha do Sal onde foi recebido pelo camarada Aristides Pereira, Secretário-geral do PAIGC e em Conakry, onde manteve um rápido encontro com o presidente Sekou Touré.

Durante a sua estadia em Cuba, Luiz Cabral e comitiva visitaram diversos centros de carácter económico, social e cultural. Tanto na cidade como no interior do

país, o Secretário-geral Adjunto foi acolhido com grande entusiasmo pela população. No fim da visita foi assinado um comunicado final conjunto que constitui a síntese das conversações travadas entre as duas delegações.

Aeroporto Internacional José Martí, 0 h 45 min local (5 h 45 min, em Bissau). O avião da companhia Cubana de Aviación aterriza depois de nove horas e meia de voo, de Conakry a Havana, transportando a delegação da Guiné-Bissau. Ao desembarcar do Avião Luiz Cabral foi cumprimentado com um grande abraço por Fidel Castro, Secretário-geral do Partido Comunista Cubano e Primeiro-Ministro do Governo Revolucionário de Cuba, Raul Castro, Secretário-geral Adjunto e Comandante das Forças Armadas Revolucionárias e Osvaldo Dorticós Torrado, Presidente da República, e por vários outros dirigentes do Partido e do Governo cubano e corpo diplomático acreditado no país.

O Presidente Luiz Cabral e comitiva eram aguardados havia já uma hora na terminal aérea, totalmente iluminada. Sobre o terraço principal, enfeitados com bandeiras dos dois países, encontrava-se um grande retrato do dirigente do PAIGC, com cartazes de boas vindas ao Presidente e sua delegação. Após a recepção oficial, formou-se um grande cortejo de carros rumo à cidade de Havana, a 12 quilómetros do aeroporto, onde o Presidente e comitiva foram instalados na residência do protocolo. Iniciava assim uma visita de oito dias a Cuba, durante o qual o dirigente guineense percorreria vários sítios históricos da capital e do interior do país.

O programa do primeiro dia da estadia em Cuba foi preenchido com a visita ao plano Genético «Los Naranjos», a 45 quilómetros da capital. Cerca das 15 horas 45min, o Presidente Luiz Cabral e sua delegação chegaram à localidade, acompanhados por José Machado Ventura do Bureau Político do Partido Comunista Cubano, por Isidoro Malmierca, do Secretariado e Raul Valdés Viro, do Comité Central do Partido Comunista. Foram recebidos pelo director do plano, José Gonzales Torres, que fez ao Presidente e comitiva uma pormenorizada explicação sobre o funcionamento da granja e os acompanhou na sua visita

às diversas instalações.

«Los Naranjos» é uma comunidade que tem como objectivo fundamental a produção de espécies de alta produtividade leiteira para a inseminação artificial. Ocupa uma área de 800 cavalarias e tem mais de 11.300 cabeças de gado bovino, distribuídos por 52 vacarias. Algumas espécies produzem uma quantidade de leite que oscila entre 50 e 55 litros diários, em estábulos com ar condicionado, o que permite aumentar produtividade. O plano produz cerca de 34 mil litros de leite por dia destinados nos combinados lácteos da capital. Algumas dessas espécies produzidas na granja foram cedidas pelo Governo cubano, a título de colaboração, a vários países do mundo. Em seguida a delegação visitou a comunidade, regressando depois à capital.

À noite, pelas 21 h, o Presidente Luiz Cabral dirigiu-se à Praça da Revolução para prestar homenagem aos 57 cubanos mortos na sabotagem contra o avião da Companhia Cubana de Aviação, no dia 6 de Outubro. Além dos cubanos também morreram 11 guineenses e cinco coreanos. Luiz Cabral, acompanhado da comitiva, apresentou pessoalmente as suas condolências às famílias dos mortos e que se encontravam de vigília às urnas expostas na base do monumento a José Martí, na Praça da Revolução. Nessa mesma Praça seria prestada no dia seguinte a última homenagem, através de um grande comício que assinalou o fim do luto nacional que tinha sido decretado dois dias antes.

Praça da Revolução, lugar escolhido para a despedida do luto nacional. A dor é enorme mas o rosto de todos os «compañeros» está expressa a firme convicção de prosseguir a luta e de não deixar o inimigo fazer parar a marcha da revolução. Faltavam poucos minutos para as 10 h, altura em que Fidel Castro, acompanhado de Raul Castro, Osvaldo Dorticós, Luiz Cabral e de outros membros do Bureau Político, do Secretariado Permanente e de Vice-Primeiros Ministros do Governo Revolucionário de Cuba, presidiria à cerimónia de despedida do luto nacional em homenagem aos mártires de Barbados.

Eram 10 h 5 min quando Fidel e sua comitiva che-

garam ao local e tomaram lugar na tribuna. A Praça estava completamente cheia de gente, vinda de todos os bairros da capital e do interior do país. Cerca de 1 milhão de pessoas (mais de metade da população de Havana, que é de 1 milhão e 750 mil habitantes) exibiam cartazes com frases de condenação e de repulsa contra o ignóbil crime. Em algumas delas se liam frases como «Morir por la Patria es vivir», «Repudiamos e condenamos el vil agresión de nuestra nave aérea por la CIA y el imperialismo», «El enemigo pagará caro sus crímenes» e «Ante el crimen juramos Patria a muertes».

Toca o hino nacional. Todos se levantam e se perfilam. Atrás da tribuna flutua ao vento a bandeira tricolor de Cuba que há dois dias se encontrava içada a meia haste, em sinal de luto. Antes, o locutor Manolo Tá tinha falado do significado daquele acto e anunciado a chegada do Comandante Fidel Castro. Este se aproxima dos microfones que se encontravam montados frente à tribuna e que levariam as suas palavras a todos os cubanos. O povo saudou o seu dirigente máximo com uma ovação quando este começou a falar. Pede um minuto de silêncio, durante o qual se ouve o toque fúnebre. Depois começam as apresentações.

Quando apresentou o Presidente Luiz Cabral, uma grande salva de palmas interrompeu no meio da multidão e se prolongou por largos minutos. Fidel começa a falar da sabotagem aérea. Diz os nomes dos implicados no acto, condena os Estados Unidos pela sua participação no atentado e proclama medidas contra o inimigo da revolução cubana. Uma dessas medidas, à qual o povo manifestou o seu apoio através de uma grande ovação, foi a anulação do acordo de pirataria aérea, marítima e outros delitos, suscrito entre Cuba e o Governo dos Estados Unidos, há três anos. E que constituía uma grande contribuição, por parte do Governo de Cuba, à solução do grave problema mundial de sequestro de aviões.

Salientou que o seu Governo não impôs nenhuma condição ao Governo dos Estados Unidos para a subscrição de tal acordo, nem mesmo o cessar do bloqueio

económico que aquele Governo mantinha contra Cuba. Falou ainda no atentado do imperialismo norte-americano contra dirigentes cubanos e na sua tentativa de fazer parar a marcha do povo revolucionário de Cuba. Facto confirmativo, segundo Fidel, foi a mensagem enviada pela CIA a um agente seu em Havana, passados apenas três dias da sabotagem de Barbados e que foi interceptada pelas autoridades cubanas. Nessa mensagem, a CIA pedia informações sobre a possível deslocação dele a Angola, por altura da comemoração do primeiro aniversário da proclamação da independência. Informava-se ainda sobre o itinerário completo do Primeiro-Ministro nessa mesma viagem.

Atrás da multidão que enchia completamente a Praça, vários edifícios com muitos pisos. Em dois deles se encontram afixados cartazes, uma com a figura de Che Guevara e outra de um grupo de jovens com os braços levantados e com os dizeres «Somos un pueblo internacionalista». Fidel Castro falou durante 80 minutos para o seu povo. Este interrompeu-o várias vezes para gritar palavras de ordem e demonstrar a sua indignação perante o acto criminoso dos sabotadores do avião.

Enquanto falava, caíam lágrimas dos olhos dos familiares presentes, que ocupavam os lugares dos dois lados da tribuna, onde se encontrava Fidel Castro, Luiz Cabral e outros dirigentes cubanos. Homens, carregando macas, caminhavam com dificuldades no meio da multidão enquanto uma ambulância estacionada mais atrás, aguardava as pessoas que necessitassem de primeiros socorros. Fim do discurso, durante o qual o povo afirmou que o inimigo, com esses crimes não conseguiria destruir a revolução nem intimidar o povo, Fidel Castro pronunciaria a célebre frase que poucas horas depois se encontrava já escrita em grandes painéis que enfeitam a cidade e o interior do país «!Y cuando un pueblo enérgico y viril llora, la injusticia tiembla!». Terminava assim o luto oficial que assinalou a morte de patriotas cubanos caídos no crime praticado contra o povo revolucionário de Cuba.



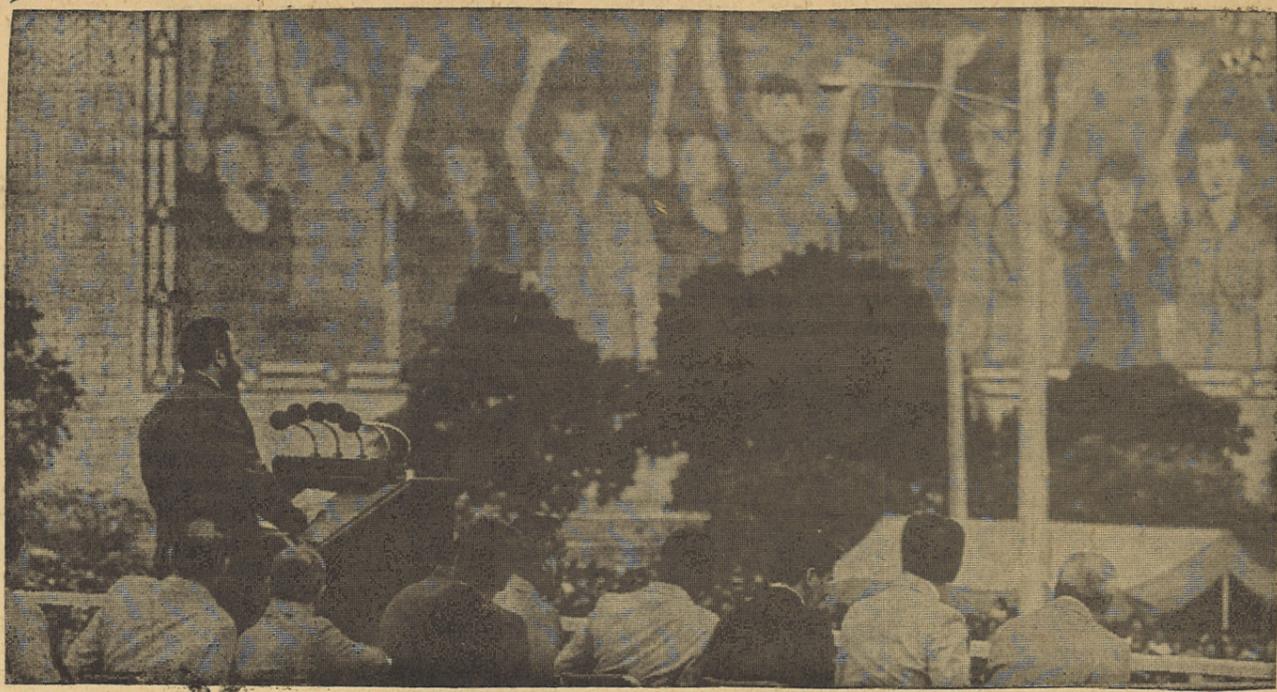
Caratazes de c



Museu da Revo



Protesta contra a sabotagem do avião da Companhia Cubana de Aviação



«Somos un pueblo internacionalista»: «Y cuando un pueblo enérgico e viril llora, la injusticia tiembla»



Armas usadas nos atentados contra a soberania do povo cubano



Visita a «Los Naranjos», granja de pesquisa de produtividade leiteira, a 45 quilómetros de Havana

## Luta heroica reconstituída no museu

Ainda na sexta-feira, pelas 15 h 30 min, Luiz Cabral deixou a residência onde estava hospedado, à frente de um longo cortejo de automóveis, para visitar o Museu da Revolução, onde chegou às 16 h e permaneceu cerca de uma hora. Luiz Cabral visitou as diversas dependências do edifício, acompanhado de Belarmino Castillamas, do PCC e do director do Museu, Major Néelson Martínez. Uma funcionária reconstituiu aos visitantes a heroica luta do povo cubano, através de uma exposição fotográfica e de materiais de guerra ali expostos; aviões, barcos, tanques blindados, espingardas, equipamentos e vários outros tipos de materiais.

Os visitantes apreciaram ainda as obras de construção de uma nave para o navio *Gramna*, cuja con-

clusão está prevista para o mês de Dezembro próximo, data da comemoração do seu 20.º aniversário. No final da visita o Presidente Luiz Cabral assinou o livro de visitas para se referir à «heróica tradição de luta do povo revolucionário de Cuba» e às «vitórias alcançadas pelo povo cubano desde o combate pela independência até os dias não menos gloriosos de resistência e de luta face às provocações imperialistas».

O programa da visita prosseguiu no dia seguinte, sábado, com a visita ao plano de construção de Alamar, a sete quilómetros da capital. O Presidente Luiz Cabral, acompanhado por Ramiro Valdés, do Bureau Político e Vice-Primeiro-Ministro para o sector de construção, visitou o edifício principal onde se encon-

trava exposta uma planta das construções e onde a responsável pelo plano, Aurora Rodrigues, fez uma ampla e pormenorizada explicação sobre as perspectivas do plano, sua história e características.

Até este ano já foram construídos 230 edifícios com 5 934 apartamentos, onde vivem 23 mil pessoas, com média de 12 metros quadrados por cada habitação. Também possui semi-internatos de primária, círculos infantis, centros comerciais, fábricas, politécnicos, piscinas, cinemas, anfiteatros e áreas desportivas. O plano começou em Fevereiro de 1971, estando prevista a sua conclusão dentro de 12 a 14 anos. Possui um sistema de distribuição de água, luz e esgotos. O mesmo programa prevê ainda um total de 50 mil habitantes, mais que

dobro do número actual. Os operários que trabalham no plano após deixarem suas fábricas são os futuros moradores. A distribuição das casas é feita pelos próprios trabalhadores, através de um sindicato formado, por eles conforme as capacidades financeiras de cada um.

O Presidente Luiz Cabral visitou também a fábrica de sorvetes e caramelos onde o administrador, Raul Iturriaga, explicou o processo de produção e o acompanhou na visita às diversas instalações. Numa delas estavam reunidas muitas crianças, filhos dos moradores do bairro, que receberam a delegação com cantigas revolucionárias. Depois de provar os produtos da fábrica, a delegação percorreu as ruas do bairro, sendo saudado pelos moradores.

# Sierra Maestra: inspiração para os nossos militantes

No princípio da tarde, às 14 h 30 min., Luiz Cabral chegou à Praça da Revolução para colocar flores no monumento a José Martí. Encontrava-se acompanhado de Isidoro Malmierca, membro do Secretariado do Comité Central do Partido, Armando Acosta, do Comité Central, Calixto Garcia, chefe do Departamento Militar do Comité Central e de outros integrantes do Partido e do Governo. A cerimónia começou com o toque do hino nacional dos dois países, após o qual o Presidente Luiz Cabral, acompanhado por dois oficiais do exército que transportavam a coroa de flores para a colocar na base do monumento, prestou homenagem àquele que foi o guia do povo cubano.

A delegação presidencial dirigiu-se depois ao Palácio da Revolução, a escassos metros da Praça, onde iniciariam as conversações entre as duas delegações dirigidas por Fidel Castro e Luiz Cabral. À noite, cerca das 19 h 30 min. realizou-se a cerimónia de imposição de medalha da Ordem José Martí ao camarada presidente Luiz Cabral, com a presença de Fidel Castro, Raul Castro e Osvaldo Dorticós Torrado.

Quando Luiz Cabral entrou no salão nobre da residência do protocolo, em companhia de Fidel Raul e Dorticós, onde já se encontravam as duas delegações, quatro oficiais desfilaram frente às duas comitivas, ao som da banda musical. Dois deles transportando as bandeiras nacionais de Cuba e da Guiné-Bissau e se perfilaram no outro extremo do salão. A cerimónia começou com os hinos nacionais. Osvaldo Dorticós leu o decreto pelo qual o Governo Revolucionário de Cuba concedeu a Ordem José Martí ao camarada Presidente Luiz Cabral. Falou dos laços de amizade que sempre uniram os nossos povos e partidos. da grande figura de Amílcar Cabral e da participação de combatentes cubanos na luta vitoriosa do PAIGC e onde muitos deles derramaram o seu sangue.

Referiu-se à personalidade de Luiz Cabral que se destacou como um grande organizador dos trabalhadores e do PAIGC do qual foi um dos fundadores. A conduta política do Presidente Luiz Cabral até à consolidação da independência,

enfrentando com firmeza os problemas ligados à economia, saúde pública e educação e adoptando medidas no sentido de melhorar as condições de vida do povo trabalhador, «num país em que a



A população recebeu a comitiva presidencial pelas ruas de Havana e pelo interior do país

exploração colonial não deixou sequer a mais elementar base técnico-material que servisse de ponto de partida para a reconstrução nacional».

Salientou a política exterior do povo da Guiné-Bissau, sob a direcção do Presidente Luiz Cabral, de condenação pública e constante do colonialismo, neocolonialismo, o imperialismo, o fascismo e o «apartheid», sua solidariedade internacionalista, significativamente demonstrada no total apoio à heróica luta do povo de Angola, assim como pela evidente conduta de constante solidariedade e amizade para com a Revolução cubana e de denúncia do bloqueio e das agressões contra Cuba. Todos esses factores justificam a decisão do Conselho de Ministro que reunido em sessão extraordinária no dia 11 de Outubro de 1976, no uso das facultades que lhe são conferidas e de acordo com a quarta disposição da Lei de Transição Constitucional, atribuiu ao camarada Luiz Cabral a Ordem José Martí, tendo em conta os fundamentos atrás citados.

### AGRADECIMENTO

O Presidente Dorticós colocou em seguida no peito de Luiz Cabral a medalha da Ordem José Martí. Este, após receber um forte abraço dos três dirigentes máximos do

povo cubano, e em resposta ao discurso pronunciado por Dorticós, fez uma importante intervenção em que exprimiu a profunda emoção que sentia ao receber das mãos do Presidente Dor-

ticós a mais alta distinção com que o Governo Revolucionário de Cuba quis honrar o Presidente do Conselho de Estado da República da Guiné-Bissau. Disse ainda que aquela homenagem se destinava especialmente «aos combatentes da nossa luta de libertação que, pelo seu combate victorioso contra a dominação estrangeira, merecem esta alta distinção». Salientou ainda que a emoção particular que sentiam se explicava pelo facto de essa homenagem «nos ser feita pelo Governo Revolucionário de Cuba que ocupa um lugar especial nos corações dos combatentes da liberdade da Pátria».

— Desde o instante em que os homens de 26 de Julho acenderam a chama de liberdade no alto da Serra Maestra, conduzidos pelo Comandante Fidel Castro e, seguindo na senda das tradições revolucionárias que o vosso povo valoroso herdou do apóstolo José Martí, a grande Revolução Cubana se tornou uma fonte de inspiração e de encorajamento para os nossos militantes, na busca dos caminhos que haveriam de conduzir, no termo de uma luta armada plena de sacrifícios, à libertação total do nosso povo.

— Mais tarde, já no fragor do combate, a Revolução Cubana vitoriosa levou ao nosso po-

vo, da maneira mais correcta, a solidariedade de materializada pela presença, ao nosso lado, de combatentes revolucionários que contribuíram decisivamente para a elevação do nível do nosso combate. Ao receber das suas mãos, camarada presidente Osvaldo Dorticós, a ordem José Martí, permitia-me envolver num mesmo pensamento, ao lado dos heróis e mártires da nossa luta de libertação nacional, aqueles filhos de Cuba que, animados pelo espírito internacionalista simbolizado da maneira mais bela pela grande figura de Che Guevara, deram o seu sangue pela liberdade e independência do nosso povo.

Luiz Cabral, dirigindo-se aos presentes e falando ainda do significado daquele gesto do Partido e do Governo cubano em relação ao nosso povo afirmou para terminar: «No combate que, na nossa fase da nossa vida se prossegue pela consolidação da nossa independência e pela realização do progresso da nossa terra, a Ordem José Martí, com que acabamos de ser honrados, constituirá para nós um estímulo novo. Inspirando-nos na figura do homem integral e de revolucionário consequente que foi José Martí, continuaremos a ser fiéis aos ideais de Justiça que são a causa primeira do nosso combate comum, o edifício da amizade indestrutível e da solidariedade combativa que unem os nossos Povos, os nossos Partidos e os nossos Governos, ao serviço da Humanidade».

No final da cerimónia Luiz Cabral foi cumprimentado por todos os presentes e as duas delegações passaram para um outro salão onde foi oferecida uma recepção oficial em honra do Presidente da República da Guiné-Bissau, pelo Comité Central do Partido Comunista Cubano e pelo Governo Revolucionário de Cuba. Nela participaram também os representantes do corpo diplomático acreditado no país que cumprimentaram Luiz Cabral à sua chegada. Assim como a delegação da Organização das Mulheres de São Tomé e Príncipe, dirigida pela esposa do Presidente daquele país amigo. A delegação encontrava-se em visita a Cuba, a fim de manter contactos com a organização das mulheres cubanas.

## NO PINTCHA

Trisemanário do Comissariado de Informação e Turismo — Sai às terças, quintas e sábados.  
Serviço Informação das Agências: AFP, APS, TASS, ANOP e Prensa Latina.  
Redacção, Administração e Oficinas, Avenida do Brasil.  
Telefones: — Redacção 3713/3728. — Administração e Publicidade — 3726.  
Assinatura — (Via Aérea) Guiné-Bissau e Cabo Verde:  
Um ano ... .. 400,00  
Seis meses ... .. 250,00  
Outros Países Africanos e Portugal:  
Um ano ... .. 500,00  
Seis meses ... .. 350,00  
Serviços de Distribuição e Venda do «NÓ PINTCHA» — Caixa Postal, 154.  
BISSAU — GUINÉ-BISSAU

## FARMACIAS

HOJE — Moderna — Rua 12 de Setembro, telefone 2702.  
AMANHÃ — Central — Rua Vitorino Costa, telefone 2453. SEGUNDA-FEIRA — Higiene — Rua António N'Baná, telefone 2520.

## TELEFONES

Hospital «Simão Mendes» — 2888/2887.  
Bombeiros — 2222.  
POLICIA; 1.ª Esquadra 3333 — 2.ª Esquadra — 3444  
CORREIOS; — Informação 2600 — Radiodifusão Nacional 2430 — Aeroporto/4 — TAP 3991/3 — TAGB 3004 — Aeroflot 2707 — Air Argelie 3775/7.  
SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS;  
Águas e Electricidade 2411 — (das 7h às 17h)  
Assistência à rede eléctrica 2414 — (das 16h às 24h).  
Chegadas e partidas de navios — 2922/5

## RADIO

SABADO — Primeiro Período de emissão:  
5h 55min — Abertura da estação; 6h — Canções da nossa terra; 6h 10min — Programa em língua/Mandinga e Fulá; 7h — Noticiário/português/criolo; — Actualidades sonoras rep. 8h — Fecho da estação.  
Segundo período de emissão  
11h 55min — Abertura da estação; 12h — Fim de semana; 13h — Música crioula; 13h 15min — Noticiário/português/criolo; 13h 30min — Amílcar Cabral — O Homem e a Sua Obra (criolo); 13h 45min — Protesto; 15h — Fecho da estação.  
Terceiro período de emissão  
16h 55min — Abertura da estação; 17h — Noticiário/português/criolo/linguas; 17h 30min — Programa em linguas Balanta e Manjaco; 18h 45min — Agenda do dia; 19h — Resistência cultural; 20h — Noticiário/português/criolo 20e 30min — Mornas e coladeiras; 21h — Actualidades sonoras; 22h — Música variada; 23h — Tempos novos; — 24h Fecho da estação.

DOMINGO — Primeiro Período de emissão:  
5h 55min — Abertura da estação; 6h — Canções da nossa terra; 6h 10min — Programa em língua/Fulá; 7h — Noticiário/português/criolo; — Actualidades sonoras rep.; 8h — Educação sanitária; 9h — Seleção musical; 10h — Ligação à Sé catedral (missa); 10h 45min — 2 Corpo 1 Córson; 12h — Fala de África; 13h — Música crioula; 13h 15min — Noticiário/português/criolo; 13h 30min — Amílcar Cabral — O Homem e a Sua Obra (português); 13h 45min — Noites africanas; 14h 15min — Programa em língua Biálada e Manjaco; 15h — Fecho da estação.  
16h 55min — Abertura da estação; 17h — Noticiário português/criolo; 18h — Programa em linguas Fulá e Mandiga 18h 45min — Agenda do dia; 19h — A semana no mundo; 20h — Noticiário/português/criolo; 20h 30min — Programa em língua Balanta; 21h — Actualidades sonoras; 22h — Onda semanal; 23h — Tempos novos; 24h — Fecho da estação.

SEGUNDA-FEIRA — Primeiro Período de emissão:  
5 55min — Abertura da estação; 6h — Canções da nossa terra 6h 10min — Programa em língua/Mandinga; 7h — Noticiário/português/criolo; —Actualidades sonoras rep.; 8h — Fecho da estação.  
Segundo período de emissão  
11h 55min Abertura da estação; 12h — Canções Manjaca; 12h 20min — Seleção musical; 13h Música crioula, 13h 15min — Noticiário/português/criolo; 13h 30min — Amílcar Cabral — O Homem e a Sua Obra (português); 13h 45min — Programa da mulher; 15h — Fecho da estação.

Terceiro período de emissão  
16h 55min — Abertura da estação; 17h — Noticiário português/criolo/linguas; 18h 45min — Agenda do dia; 19h — Ano I de organização; 20h — Noticiário/português — ciolo; 20h 30min — Prevenção rodoviária (criolo) 21h — Actualidades sonoras; 22h — Catavento 23h — Tempos novos; 24h — Fecho da estação.

## CINEMA

HOJE E AMANHÃ — Às 18h 30min — «A grande bronca», realização de Philippe Clair com Francis Blanche — m/10 anos. Às 20h 45min — «Revolver» realização de Sérgio Silma com Oliver Reed e Fábio Testi — m/18 anos.  
SEGUNDA-FEIRA Às 20h 45min — filme a anunciar.

# Zimbabwe: começou a Conferência de Genebra

GENEBRA — A segunda sessão da conferência sobre a Rodésia, aberta ontem de manhã, terminou pouco antes da tarde.

A conferência foi suspensa, agora, por alguns dias, durante os quais os delegados manterão entre eles «discussões informais», soube-se de fonte segura.

Durante a sessão de ontem de manhã, os quatro movimentos nacionalistas, e Ian Smith, primeiro-ministro racista rodésiano, apresentaram sucessivamente os seus pontos de vista.

Um porta-voz britânico indicou, após a sessão, que

«a conferência começou verdadeiramente, não tendo havido choques, contratempos, nem disputa de formalidades.

Indicou que os nacionalistas, que tinham falado antes de Ian Smith, tinham sido segundo a ordem, Joshua Nkomo, presidente da União do Povo Africano do Zimbabwe (Zapu), Abel Muzorewa, presidente do Conselho Nacional Africano (ANC), Robert Mugabe, dirigente de Zipa e da União Nacional Africano do Zimbabwe (Zanu), e o reverendo Mchabangwi Sithole, presidente da Zanu.

O porta-voz confirmou o adiamento da conferência, precisando que durante alguns dias, o presidente da conferência, o embaixador britânico, Ivor Richard, iria ter discussões bilaterais com os diferentes chefes da delegação.

## ABERTURA DA CONFERÊNCIA

Esta conferência sobre o futuro da Rodésia tinha começado na quinta-feira à noite sob os piores auspícios,

com duas horas e meia de atraso, com o mínimo de apuro e o máximo de pessimismo.

A sessão de abertura, que devia começar às 15 horas locais, tinha sido atrasada no último minuto, pela exigência de dois chefes nacionalistas africanos, Robert Mugabe e Joshua Nkomo, colocando em causa as conciliações previstos pelos britânicos.

Depois de duas horas de confusão e meia hora de espera, a conferência começou, à porta-fechada, sem ceri-

mónias e sem discurso público. Os debates continuarão a desenrolar-se sob a ameaça permanente de um fracasso brutal, se nenhuma das delegações decidir que existe à partida interesse.

Participam na conferência, quatro delegações africanas, a do primeiro-ministro rodésiano, assim como observadores da Organização da Unidade Africana, da Commonwealth, e de quatro países da «primeira linha», Tanzânia, Moçambique, Zâmbia e Botswana.

## Agostinho Neto na Nigéria

LAGOS — O Presidente Agostinho Neto, da República Popular de Angola, será nomeado «doutor honoris causa da Universidade de Ife na Nigéria Ocidental, na decorrer de uma cerimónia que deverá desenrolar-se em Dezembro deste ano, soube-se em Lagos.

A distinção concedida ao chefe de estado da República Popular de Angola será pelo seu «combate contra o imperialismo, o colonialismo e o neo-colonialismo em África».

## E.U.A.

### reforçam poderio militar na Europa

WASHINGTON (AFP) — menos de uma semana de eleições presidenciais americanas, o Pentágono deu a conhecer, na quarta-feira de noite, a sua decisão de aumentar, de forma espectacular, o seu potencial aéreo na Europa Ocidental. As bases americanas na Alemanha Federal serão dotadas de porta-aviões da Primavera de 1977, caças «F-15 Eagle», enquanto as bases americanas na Grã-Bretanha receberão «F-111» famosos caças-bombardeiros americanos. Este reforço de defesa aérea americana na Europa Ocidental, e por consequente da NATO, é considerado como o mais importante desde há 10 anos, especialmente depois de 1954.

Os «F-111», aparelhos de geometria variável, destinados, especialmente aos vales de baixa altitude, aumentam tanto as possibilidades de defesa, como as possibilidades de ataque da NATO. No total, estão assim estacionados na Europa, aviões de combate. Um comunicado do Pentágono precisa que estas decisões de reforço de defesa foram aprovadas pelo congresso americano.

## Transkei:

### Regozijo dos não-alinhados

COLOMBO (AFP) — O primeiro-ministro do Sri Lanka, Bandaranaike, enquanto presidente da Conferência dos Não-Alinhados, anunciou, na quinta-feira, o seu contentamento com a rejeição, pela Assembleia Geral das Nações Unidas, da «independência» fictícia da Transkei. Depois de ter acordado que a Conferência dos Não-Alinhados, reunida em Colombo, em Agosto último, se tinha debruçado principalmente sobre o problema da África do Sul, tinha condenado «a política dos bantustões» praticada por Pretória, que contém assim a sua política do «apartheid» o comunicado feita-se pela decisão unânime da Assembleia Geral, declarando «nula e sem futuro» a pretensa independência da Transkei.

# Estados Unidos: votaram 25 por cento dos eleitores! As eleições presidenciais ou o silêncio de milhões

De acordo com os prognósticos e cálculos, no dia das eleições presidenciais de 2 de Novembro próximo nos E.U.A., setenta milhões de eleitores não comparecerão nas secções eleitorais. Este total corresponde a pouco menos da metade dos americanos que têm direito ao voto. Aliás, uma terça parte deles não se registou como o exige a lei, razão por que não poderão votar mesmo se, de repente, quiserem fazê-lo.

O futuro presidente americano será eleito por uma minoria de 25 ou 27 por cento dos eleitores.

Aí está uma «democracia» bem estranha. Na sua variante americana, ela reverte em governo da minoria. Tantos anos lutaram os negros pelo direito ao voto! Tantos anos lutaram as mulheres pelo direito ao voto! Tantos anos lutaram os primeiros, os segundos e terceiros por que fossem eliminados os obstáculos de todo o género, tais como o grau de instrução, que impediam o seu registo. Agora há menos obstáculos deste género, mas também o número dos que desejam registar-se baixou.

A principal causa é, por certo, a decepção generalizada, quanto à capacidade de Washington em solucionar os problemas vitais do país. Tanto os republicanos como os democratas prometem, a partir do ano vindouro, tratar a sério destes problemas, cuja lista é por demais conhecida: inflação, desemprego, criminalidade, crise das cidades etc. Eles prometem, inclusivamente, solucionar-nos dentro de pouco tempo. Mas os interlocutores constatarem sem emoção, como algo evidente natural: «Os políticos dizem uma coisa e fazem outra».

Os defensores do sistema de dois partidos da democracia americana insistem em que ela

é dinâmico e está a aperfeiçoar-se cada vez mais. Agora ela, mesmo nos termos jurídicos, como que se livrou da influência directa dos monopólios que gastam milhões com os seus candidatos preferidos. Foi aprovada uma lei em cujos termos tanto Ford como Carter recebem subsídios iguais do Tesouro, para que depois não reclamem que eles «foram eleitos» por tais ou quais poderosos monopólios com o seu dinheiro.

De facto, porém, nada mudou, pois este sistema não pode oferecer verdadeira escolha de espécie alguma. Quer seja republicano quer democrata, o candidato que faz a sua campanha por conta do Estado ou por conta de contribuições particulares, as suas posições, no fundamental, sempre coincidem. Não é, pois, de estranhar, tanto faz que ganhe um ou outro. Na opinião do comentar político de Los Angeles, Joseph Serell,

por exemplo, «O entusiasmo em relação a Ford ou Carter, no Estado da Califórnia, oscila entre zero e uma grandeza infinitesimal». «Na Califórnia — escreve o «New York Times» — continua a reinar o vácuo político. Nem os políticos profissionais, nem os eleitores, nem os comentadores conseguem descobrir aí o mínimo entusiasmo em relação à campanha eleitoral».

A Califórnia é o maior Estado, mas ela não representa em absoluto uma excepção. O mesmo «New York Times» constata: «Uma estranha indiferença tomou conta de todo o país». O comentador deste jornal James Reston, em nomeada opinião pública, pergunta: «E que diferença faz?», a comentadora do «New York Post», Harriet Van Horn conclui: «A nossa democracia está a derrapar». «Neste ano estranho — escreve Tom Waker, ou-

tro observador do «New York Times», — a apatia americana por toda a parte deixa para trás tanto Gerald Ford como Jimmy Carter».

E porquê tudo isso? Porque ambos os principais partidos puxam a mesma parca guiada por um cocheiro único — o grande capital. O escritor americano Howard Zinger exprimiu-o do modo seguinte: «Hoje em dia, a melhor coisa que um cidadão tem a fazer é guardar silêncio. Ele só será ouvido, se for dono dum jornal, rádio-emissora ou estúdio de televisão... A ele só prope sancionar aquilo que os dois principais partidos já resolveram. Ora, ele vê que ambos os partidos são, de facto, venais».

Eis porque a 2 de Novembro se espera uma «greve» nacional dos eleitores, que ficarão em casa e, com isso, emitirão a sua opinião sobre o que vale de facto a «democracia» americana.

# Portugal: começa hoje o segundo Congresso do Partido Socialista

LISBOA (AFP) — O Partido Socialista realizará neste fim-de-semana, o seu segundo congresso nacional, onde fará o balanço das suas actividades depois de 25 de Abril de 1974, e da sua experiência como Partido governamental. Durante uma conferência de imprensa dada na quinta-feira, Salgado Zenha, o número dois do PS, apresentou o pro-

grama desse congresso, o segundo depois do de 1975, que tinha terminado com a cisão de uma fracção da ala esquerda que, reunida à volta de Manuel Serra, tinha fundado a FSP (Frente Socialista Popular). Sem esconder que existe divergências ou sensibilidades diferentes, como se prefere dizer no seio do PS, Salgado Zenha insistiu na necessidade da unida-

de e da coesão para se apoiar o governo minoritário de Mário Soares, e preparar as eleições municipais e cantonais de Dezembro. Este será um dos temas do congresso, que definirá, além disso, a linha política do Partido sem todavia, tocar no programa. Procederá a uma revisão dos estatutos e por fim, elegerá os órgãos dirigentes do PS

(Comissão Nacional, Comissão dos Conflitos e Secretariado Nacional).

Vindo da oposição, não obstante a sua participação em cinco dos seis governos provisórios que conheceu Portugal desde 25 de Abril de 1974, o primeiro partido português deverá fazer igualmente uma análise dos seus três primeiros meses no poder. Entretanto,

segundo Jaime Gama, membro do Secretariado Nacional, o congresso não se deverá inclinar sobre uma eventual remodelação ministerial, questão que é da competência dos órgãos dirigentes do Partido, que serão eleitos na próxima segunda-feira.

Numerosos convidados estrangeiros assistirão a este congresso, que começa hoje.

## OS PROTECTORES DO RACISMO

### Um passo vergonhoso

Três potências ocidentais demonstraram, uma vez mais, que apoiam activamente o regime fascista de Vorster e se pronunciam contra os interesses de África. Os Estados Unidos, a Inglaterra e a França impuseram veto triplice sobre a resolução do Conselho de Segurança da O.N.U., que exige que a R.S.A. ponha termo à ocupação ilegal da Namíbia, retire de lá as suas tropas e entregue o poder ao povo deste país, de acordo com as resoluções da O.N.U. Assim, o ocidente decidiu celebrar a semana de solidariedade com o povo da Namíbia, a partir do dia 27 de Outubro, dia em que há 10 anos a Assembleia Geral privou a R.S.A. do seu mandato de administrar este território.

Deste modo, no momento em que a opinião pública mundial manifesta-se em apoio à justa luta dos namibianos pela liberdade e a dignidade humana, o ocidente declara aberta e claramente o seu apoio àqueles que privaram o povo da Namíbia desta liberdade, e espezinharam a sua dignidade.

Será casual este novo passo ignominioso das potências ocidentais pela via da criminoso ajuda aos racistas? Recordemos que em 1962, o ocidente ignorou a exigência da Assembleia Geral de romper os contactos diplomáticos com a África Austral e todo o comércio com o regime racista. Em 1963, os E.U.A., a Inglaterra, a França e seus parceiros recusaram-se a cumprir as exigências da O.N.U., de cessar os fornecimentos de armas à R.S.A. Em 1970, estas potências não se dignaram a dar atenção às resoluções que exigiam o rompimento de relações, sanções económicas e embargo à exportação das armas. Em 1973, recusaram-se a aderir à convenção internacional sobre a coibição do crime do «apartheid» e o castigo por ele (pelo seu cometimento). E, em 1974, através do veto triplice, os Estados Unidos impediram que a R.S.A. fosse a Inglaterra, a França e se excluía da organização das Nações Unidas.

A recente decisão das três potências demonstrou eloquentemente que pouco valem as declarações publicitárias (dos E.U.A., em particular) sobre a sua «nova» política em África. Que importa que a O.U.A. e a conferência dos países não-alinhados de Colombo tenham exigido a retirada da R.S.A. da Namíbia, a cessação das chamadas

«conversações constitucionais» e a entrega do poder ao movimento Swapo — legítimo representante do povo da Namíbia! O ocidente não está absolutamente interessado na tal solução da questão namibiana, uma vez que, em primeiro lugar, o povo da Namíbia não lhe permitira saquear impunemente os recursos naturais do país e, em segundo lugar, com o aparecimento de um estado verdadeiramente independente junto das fronteiras da R.S.A., constituirá uma ameaça à própria cidadela do «apartheid».

Os acontecimentos dos últimos anos mostram que o ocidente irá antes piorar as relações com toda a África restante, do que permitir abalar os alicerces do regime de Vorster. A R.S.A. assim como a vemos hoje é necessária ao ocidente como país, onde a mão-de-obra é a mais barata e traz às companhias multinacionais os mais altos lucros, como arma de chantagem à África independente, como a mais importante base estratégica nos Oceanos Atlântico e Índico.

O que valem, pois, as conversas sobre o «reconhecimento» do princípio de governo da maioria, conversas estas que se ouvem ultimamente com frequência nas capitais ocidentais? Com o seu veto, as três potências demonstraram que se manifestam contra a independência da Namíbia, nas condições que foram formuladas pela Swapo, O.U.A. e o movimento dos não-alinhados. Os E.U.A., a Inglaterra e a França confirmaram, desta maneira, a sua total solidariedade com o plano de Vorster para criar na Namíbia um estado fan-

toche.

— (APN).

## MENSAGEM DE LUIZ CABRAL AO PRESIDENTE JULIUS NYERERE

Por ocasião da Festa Nacional da República Unida da Tanzânia, o camarada Luiz Cabral, Secretário-Geral do nosso Partido e Presidente do Conselho de Estado, enviou ao camarada Julius Nyerere, Presidente da Tanzânia, o seguinte telegrama:

«No momento em que o povo irmão da Tanzânia comemora com alegria o 15.º aniversário da independência da República Unida da Tanzânia, sinto uma alegria particular em enviar ao camarada, e por seu intermédio, ao valente povo tanzaniano, ao

seu Partido e ao seu Governo, em nome do nosso povo, da Direcção Nacional do PAIGC, do Conselho de Estado, assim como em meu nome pessoal, as felicitações mais calorosas. A solidariedade indefectível do vosso povo e governo para com o nosso povo e Partido durante a longa luta armada de libertação nacional, cimentou, na confiança, os laços particulares entre os nossos povos, os quais encontram a sua razão de ser na história comum e no objectivo comum a que estamos designados: libertação total e a coordenação do progresso da África, no

interesse da Humanidade. Aproveito esta feliz ocasião para transmitir os melhores votos pelo vosso bem-estar pessoal, e prosperidade para o povo irmão tanzaniano, e reafirmar a determinação inquebrantável do nosso povo, da Direcção Nacional do nosso Partido e do nosso Estado, em trabalhar incansavelmente no sentido do reforço contínuo dos laços privilegiados de amizade e cooperação que unem os nossos dois povos, Partidos e Governos, e fortemente consolidados durante a visita inolvidável que fez ao nosso país».

## Navio de pesquisas pesqueiras da R.D.A. no porto de Bissau

Encontra-se atracado no porto de Bissau o navio de pesquisas pesqueiras, da República Democrática Alemã, Ernest Haeckel. O seu objectivo é concretizar um acordo sobre pesca, feito em último Maio, entre os Governos da Guiné-Bissau e da RDA. O navio irá

medir a quantidade e a qualidade de peixe capturado nas águas territoriais e ficará cerca de 15 dias para estes estudos. Depois serão enviados os resultados.

O Ernest Haeckel é um navio fabricado em Rostock, em 1963. Há pouco foi modernizado para

ampliar as suas tarefas cada vez mais complexas. É dividido numa parte técnica e numa parte científica levando 40 tripulantes. Está munido de aparelhos que medem a temperatura da água na profundidade do mar um laboratório para análise da água e o estudo de bactérias.

## CALENDARIO DO ANO ESCOLAR 1976-77

Período	Actividades	Datas limites	N.º dias	Totais
1.º Período 3 de Novembro a 1 de Março	Abertura	3 a 6 de Novembro	4	
	Aulas	8 Nov. a 10 Fev.	72	
	Prova Per.	12 a 18 Fevereiro	6	
	Int. docente	23 Fev. a 2 Março	7	
	Inf. notas	28 Fevereiro	1	
	Férias	23 Dez. a 3 Janeiro	11	
		20 Janeiro 19 a 22 Fevereiro	1 3	105
2.º Período 3 de Março a 31 de Maio	Aulas	3 Março a 14 Maio	59	
	Prova Per.	16 a 21 Maio	6	
	Int. docente	23 a 31 Maio	6	
	Inf. notas	31 Maio	1	
	Férias	8 a 11 Abril	3	
		8 Março 1 Junho	1 1	77
3.º Período 2 de Junho a 20 de Agosto	Aulas	2 Junho a 30 Julho	33	
	Prova Per.	11 a 16 Agosto	6	
	Int. docente	18 Julho a 3 Agosto	15	
	Inf. notas	28 Julho	1	
	Prova Ext.	4 a 10 Agosto	6	
	Inf. notas	16 a 18 Agosto	3	
	Rev. prova	19 a 20 Agosto	2	
	Encerramento	22 a 23 Agosto	2	
	Férias	3 de Agosto	1	
	Fér. fim ano	24 Agosto a 30 Set.	33	102
RESUMO DO ANO				
	Abertura		4	
	Aulas		164	
	Prova periódica		18	
	Int. docente		28	
	Inf. notas		6	
	Provas Extraord.		6	
	Revisão provas		2	
	Encerramento		2	
	Férias		21	
	Férias fim do ano		33	284

R.D.A. — Ocorreram ontem na RDA importantes mudanças. É assim que Erich Honecker, primeiro-secretário do Partido Socialista Unificado (PSUA), foi eleito, pela Câmara do Povo, Presidente do Conselho de Estado da RDA. Erich Honecker substitui nesse posto Willi Stoph, que é agora primeiro-ministro, substituindo Horst Sinderman, e detém assim as funções de dirigente do Partido e de Chefe de Estado. Sinderman, que dirigia o governo alemão desde 1973, foi eleito pelos deputados, presidente do Parlamento da RDA. A RDA pronuncia-se pelo prosseguimento do desenvolvimento e por «uma paz durável na Europa e no mundo», declarou ontem, em Berlim, Erich Honecker, após a sua eleição. Honecker sublinhou que não havia «alternativas à política de coexistência pacífica», e que o objectivo prioritário do seu país na política estrangeira continuará a ser o «reforço da aliança fraternal» com a União Soviética e os outros países da comunidade socialista. No plano interno, declarou que «a elevação permanente do nível de vida» da população continuaria a ser o objectivo primordial, sublinhando que a «eficiência económica é geradora do progresso social».

C.E.D.E.A.O. — O Conselho de ministros da Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (C.E.D.E.A.O.) encontra-se reunido desde ontem de manhã, em Lomé, para elaborar os últimos textos, que deverão reger esta organização económica sub-regional de 15 estados. Trata-se de cinco protocolos a anexar ao Tratado de Lagos de 28 de Maio de 1975, que serão apresentados para assinatura aos chefes de estado, a 4 de Novembro próximo, também na capital togolesa. O mais vasto mercado comum do continente africano — 15 países, seis milhões de quilómetros quadrados, mais de 100 milhões de homens — entrará então em funcionamento.

RACISTAS — O governo sul-africano prorrogou para dois meses, ou seja daqui até 31 de Dezembro próximo, a proibição de reuniões públicas, decretada em Junho último, e que devia expirar a 30 de Outubro. A nova decisão governamental foi publicada ontem no jornal oficial. É interpretada como uma medida repressiva, respondendo a um novo apelo à greve, lançado esta semana em Soweto, cidade-satélite africana de Joanesburgo, e no Cabo pelas células militantes das escolas e liceus dos arredores negros e mestiços destas cidades.